

NARRATIVAS DE MÚSICOS DE SETE LAGOAS: OS DESAFIOS DA CONSTITUIÇÃO IDENTITÁRIA ANTE AS *DISSONÂNCIAS* DO OFÍCIO

Jessica Batista Cruz*

Fernando Cotta Trópia Dias**

RESUMO

O presente trabalho de pesquisa traz o debate do ofício musical por este apresentar diversos desafios aos seus profissionais, uma vez compreendida a vulnerabilidade que estes enfrentam frente a diversas faces do olhar interpretativo social e seus atravessamentos com o mundo do trabalho, o que interfere diretamente no constructo identitário dessa categoria profissional, em suas diversas dissonâncias e dilemas próprios. Nessa ótica, os pressupostos da psicologia social têm muito a contribuir para um melhor entendimento das influências e sentimentos vivenciados pelos profissionais da arte musical, e é nesse ponto que a presente pesquisa objetivou investigar os impactos psicossociais frente à construção da identidade dos músicos de Sete Lagoas/MG ante os desafios do seu ofício. Esta assume os critérios de uma pesquisa de natureza qualitativa-exploratória. Como técnica para aplicação e verificação do conhecimento científico foi realizada uma *Oficina em Dinâmica de Grupo* com músicos da referida cidade. A oficina foi realizada com 8 profissionais, com 5 à 20 anos de exercício da profissão. Como análises provenientes do objetivo geral, delimitaram-se três categorias a partir da experiência da oficina, a saber: *mitos sociais e o trabalho do músico*, que está relacionada com o preconceito estabelecido com o fazer musical enquanto profissão; *discrepâncias culturais, constituição identitária e liberdade de escolha*, ressaltando os desafios encontrados na construção de uma identidade coletiva desses profissionais e, por último, *o entrelaçamento prazer-sacrifício no ofício musical*, estabelecendo uma análise dessas tensões no exercício da profissão. Pode-se considerar, num panorama geral, que existem pressões inerentes a sobrevivência de quem depende diretamente da profissão enquanto único meio de sustento financeiro, além dos diversos sentimentos e inquietações originadas para o alcance de uma maior liberdade de escolha e autonomia própria na vida desses indivíduos.

Palavras-chaves: Ofício musical; mundo do trabalho; constituição identitária; psicologia social.

ABSTRACT

The present work brings the debate of the musical profession by presenting several challenges to its professionals, once it is understood the vulnerability they face in front of several faces of the social interpretive gaze and its crossings with the world of work. It interferes directly in the identity construct of this professional category, in its various dissonances and dilemmas of its own. In this perspective, the assumptions of social psychology have much to contribute to a better understanding of the influences and feelings experienced by the professionals of musical art. It is at this point that the present research aimed to investigate the psychosocial impacts of the identity construction of the musicians in Sete Lagoas / MG faced with the challenges of his trade. This work assumes the criteria of a qualitative-exploratory research. As technique for application and verification of scientific knowledge, a Workshop on Group Dynamics was performed with musicians from the referenced city. The workshop was carried out with 8 professionals, from 5 to 20 years of profession. As analysis from the general objective, three categories were delineated from the experience of the workshop, namely: Social myths and the work of the musician, which is related to the prejudice established with the musical making as a profession; Cultural discrepancies, identity constitution and freedom of choice, highlighting the challenges encountered in the construction of a collective identity of these professionals; and the intertwining pleasure-sacrifice in the musical craft, establishing an analysis of these tensions in the exercise of the profession. It can consider in a general context, that there are pressures inherent in the survival of those who depend directly on the profession as the sole means of financial support, besides the various feelings and anxieties arising from these conflicts of identity to achieve greater freedom of choice and autonomy in the life of these individuals.

Keywords: Musical craft; world of work; identity constitution; social Psychology.

* Graduada em Psicologia, Bacharelado, pela Faculdade Ciências da Vida (FCV).

E-mail: jessicabatistacruz@yahoo.com.br

**Psicólogo/Mestre em Psicologia – Processos Psicossociais e Socioeducativos – UFSJ/2014

Email: fctropiadias@yahoo.com.br

1 INTRODUÇÃO

A Psicologia permite uma discussão ampla sobre os sujeitos e em um mundo pós-moderno e cheio de possibilidades pode-se dizer que estes se encontram em uma posição instável, o que claramente insere-se no conceito de “crise de identidade” citado por Hall (2005). Crise esta que se encontra ligada também a posição das escolhas desses sujeitos e como estes vivenciam a construção da sua identidade em meio às incertezas de um mundo em constante transformação. Em vista das constantes mudanças socioeconômicas vivenciadas atualmente, o exercício profissional do músico não foge à regra. Vale dizer, no que se refere ao cotidiano da profissão de músico, que existe muita exigência tanto com o estudo e a prática, quanto com o estado físico e psicológico dos indivíduos, pois o músico precisa enfrentar maratonas de treinamentos, aperfeiçoamentos, trabalhos em horários não estabelecidos, bem como a concorrência no mercado de trabalho que seleciona o estilo musical evidenciado no momento (ARAÚJO, 2015).

Tem-se que a profissão musical no Brasil está prescrita pela lei Nº 3.857, de 22 de dezembro de 1960 pela criação da OMB (Ordem do Músicos do Brasil) que regulamenta e fiscaliza o exercício da profissão dos músicos. Porém, é possível perceber a falta de valorização e visão como um meio de sustentar a si e o seu entorno como profissão pela sociedade (ALVARENGA, 2013). Cabe à psicologia, enquanto um campo de ciências humanas e sociais, buscar entender as influências existentes nesse contexto profissional e os impactos na identidade desses músicos, pois nota-se as contradições existentes no ofício musical na relação entre angústia, felicidade, expectativas, frustrações, dificuldades encontradas na inserção no mercado de trabalho e o que de fato os representam. Dessa forma, torna-se pertinente compreender as representações subjetivas e objetivas nesse cenário, dado os envolvimento emocionais oscilantes e conflituosos, por vezes.

Em vista do exposto, essa pesquisa visa proporcionar um melhor entendimento sobre diversos aspectos ligados a um grupo profissional que através da arte submete-se a exigências que vão além daquelas nitidamente expressas coletivamente. Dessa maneira, pode-se enfatizar a importância de se investigar as representações individuais que estes indivíduos trazem através de uma experiência coletiva, sobre os desafios postos aqueles que se dedicam ao ofício musical, conferindo uma possibilidade de refletirem mais profunda e abertamente sobre sua práxis e os desafios dela provenientes em meio ao compartilhamento de uma identidade que de fato os simbolizem enquanto um grupo social.

Diante dos fatos apresentados gera-se o seguinte questionamento: quais são os impactos psicossociais na constituição identitária e os dilemas próprios vivenciados por músicos de Sete Lagoas/MG ante o mundo do trabalho? Como objetivos específicos intentou-se analisar a relação entre prazer e sacrifício existentes no ofício musical; delimitar a construção da identidade da categoria e suas influências; investigar a articulação entre liberdade, felicidade e entretenimento e como isso pode afetar os laços afetivos e profissionais. Para tal, como procedimento metodológico, buscou-se, através de uma pesquisa qualitativa, de natureza descritivo-exploratória, a utilização da técnica de Oficina de Dinâmica de Grupos como um método de coleta de dados, numa via de intervenção psicossocial. A referida proposta permite abrir um leque de informações e experiência de trocas, em que os músicos dialogam conjuntamente, relacionam, produzem sentidos e (re)constróem suas vivências, expondo suas frustrações, prazeres, expectativas que tecem sua construção identitária.

Como resultados gerais, assinala-se que o preconceito social no reconhecimento profissional no ofício musical está presente, assim como também, as contradições na construção identitária desses profissionais, que devem responder e preocupar-se não só com os estilos musicais pessoais, mas também com o que está dentro dos estilos escolhidos pelo seu público e pela influência cultural, que ditam modismos e costumes. O que parece pertinente atentar, com todos as dissonâncias e sacrifícios existentes no ofício, seus impactos financeiros e a falta de valorização, é assinalar que, ainda assim, existe um prazer que os motivam a continuar na profissão.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Atualmente o ser humano encontra-se inserido em um mundo pós-moderno, o que apresenta algumas mudanças em conceitos bastante pertinentes na linguagem social e começa-se a compreender melhor essas modificações através da expressão “crise de identidade”, crise essa que representa uma descentralização do sujeito. Segundo Hall (2005, p.9), essas mudanças estruturais “estão fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais”. É nesse aspecto que o sujeito hoje se sente instável em um mundo de incertezas. Hall (2005) deixa claro, nessa ótica, diferenças básicas entre três concepções de identidade dos sujeitos, a saber:

1. Sujeito do iluminismo;
2. Sujeito sociológico e
3. Sujeito pós-moderno.

O sujeito do iluminismo possui uma visão mais “individualista”, sujeito totalmente unificado e centrado, ele nasce com tal identidade e se desenvolve ao longe de sua existência sem influências externas enquanto o sujeito sociológico traz um conceito moderno, pois é através das suas relações sociais/afetivas e principalmente em seu mundo cultural que recebe grandes influências em seu processo construtivo de identidade. Por fim, o sujeito pós-moderno, aquele que vivencia várias identidades provisórias, trazendo inúmeros conflitos existenciais. (POLETTI; KREUTZ, 2014).

Para melhor discussão dessa construção de identidade pós-moderna, Bauman (2001), traz o conceito de “identidade líquida”, que tem semelhantes ligações com o pensamento de Hall. O termo possui relação com a metáfora de uma base sólida antes existente, assinalando na contemporaneidade uma liquidez nos setores e cenários da modernidade. Bauman (2001), destaca a economia como um exemplo de tais setores que passa por essas transformações. Antes as empresas apresentavam um sistema de trabalho e localização mais sólido e rígido, hoje possuem maior flexibilidade em seus horários, através de estratégias, gerenciamentos e controle a distância. Em um contexto dinâmico e de grandes possibilidades, os indivíduos precisam refletir sobre as escolhas e caminhos que buscam, estas precisam ser bem definidas já que não existem mais bases tão sólidas.

No que se refere ao fazer musical, este pode se desvelar como um caminho perigoso, pois as adversidades não permitem uma base sólida, são pautados em trajetórias incertas e imprevisíveis. Porém em um mundo pós-moderno, os caminhos abertos possibilitam passagens nas mais diversas direções, onde é possível arriscar e transitar em outras diretrizes, sendo assim, não é difícil encontrar músicos que possuem outros meios de se estabilizarem buscando outro campo de atuação, não só o artístico. Bauman (2001) afirma que essa ambivalência torna-se algo valorizado, pois a não transformação pode ocasionar o tédio. As “opções abertas” sendo mantidas e sem anulações das construções passadas são entendidas na ambivalência. A construção da identidade não está mais a procura de fixar-se, a estratégia da pós-modernidade preocupa-se em impedir que essa aconteça, pois a durabilidade já não é o foco das representações dos indivíduos.

Essa ambivalência, acima citada, salienta os desafios na construção da identidade no mundo atual. A identidade é caracterizada pela incompletude (BAUMAN, 2001), ou seja,

estabelece um processo contínuo de construção flexível e passível de mudanças e readaptações. Nessa perspectiva, o fazer musical expressa-se com infinitas possibilidades e construções “líquidas”, que abrem espaços para interpretações sujeitas a suscetíveis mutações.

Vale ressaltar que é o trabalho que completa e preenche a existência humana, contribuindo para a construção de sua essência, sua identidade, do seu saber e de suas experiências, possibilitando um autoconhecimento e reconhecimento de cada um. (BARROS; LIMA; VIEIRA, 2007). É o trabalho que estabelece uma relação de integração e socialização do sujeito capaz de influenciar e/ou estabelecer construções subjetivas e coletivas no processo de construção de sua identidade.

Ao mesmo tempo, o trabalho, que antes era visto como algo penoso, comparado a castigo, relacionado a um esforço incomum, numa espécie de fardo para quem o pratica, pode ser, por outra análise, compreendido como parte determinante na estrutura social e subjetiva do indivíduo. Apesar disso, o trabalho vem como valor social e quanto mais valorizado a carreira ou profissão, mais valorizado o indivíduo se torna para a sociedade. (CRP, 2016). E a música, enquanto trabalho, pode servir como uma ferramenta de integração social, apresentando-se neste sentido, como uma maneira de refletir diferenças psicológicas e socioculturais. Diante destes fatores é interessante entender o estilo de vida de cada profissional, pois, são criadas identidades e a partir delas começamos a entender o que eles veem, no que eles creem, como vivem e quais os desafios os impelem.

Pode-se fazer essa analogia com a cultura musical que hoje está presente na cidade de Sete Lagoas, refletindo sobre o quanto essa cultura influencia na subjetividade de cada profissional nessa área e até que ponto estão conseguindo manter sua autonomia e satisfação profissional.

Entre o trabalho real desenvolvido pelo músico e as apresentações musicais que a sociedade vê, se estabelece uma relação totalmente diferente. Alvarenga (2015) fala sobre essa discrepância no mundo do trabalho e sobre a importância em conseguir um equilíbrio entre os dois, tanto prescritos, visto pelos outros, quanto no real, o que a profissão exige. A profissão musical relaciona-se com esse aspecto quando resume a profissão em apenas saber cantar e tocar, esquecendo que vai além dessas questões básicas, para o seu aperfeiçoamento existem os estudos contínuos, ensaios, etc.

Para completar tal argumento Morais *et al.* (2015) destaca os pontos positivos e negativos presentes no ofício musical. Em uma visão negativa construída socialmente o músico é visto como um boêmio de caráter duvidoso, atribuído também ao seu manejo performático. Já na visão positiva cria uma relação extrema em que o músico é visto como um

grande ídolo, transformando-o em uma fonte de inspiração, não só no contexto musical mas também em um contexto pessoal e social. De qualquer forma as duas visões interferem diretamente na vida desses músicos e na sua construção psicológica.

Segundo Camargo; Bulgacov (2007) “por meio da atividade que o homem se apropria da prática histórico-social, da experiência da humanidade”. A música de fato, é uma atividade que integra criatividade, trabalho, afetividade e arte, o que se estende também como uma ferramenta utilizada na realização de expressão linguística e por vezes, corpórea, de acordo com o contexto performático.

Pode-se considerar que o *eu* e as suas representações não se baseiam somente nas apresentações sonoras, mas podem ser consideradas como algo interpretativo e afetivo. Através da relação subjetivação/objetivação as ideias subjetivas expostas podem ser um aspecto também coletivo no caráter sociocultural. (MORAIS *et al.*, 2015). Pode-se então afirmar que a construção do sujeito também se dá pela ligação direta pela arte, construção essa, que estimula a estudar as relevâncias psicológicas que esse contexto se apresenta em cada um desses profissionais, sendo elas positivas ou negativas, mas que de fato influencia-os nesse processo constante de construção.

3 METODOLOGIA

O presente trabalho propôs uma intervenção realizada nos moldes de uma *oficina em dinâmica de grupo* para músicos de Sete Lagoas/MG, método este, que segundo Afonso (2006) abarca um contexto social que pretende discutir um tema central proposto, contando com a realização de um ou mais encontros. A ideia é trabalhar os significados afetivos e as vivências e percepções individuais de cada músico, compartilhadas num âmbito grupal. A reflexão baseada no tema central permite obter ainda mais propriedade e domínio dos conflitos existentes e realizações vividas. (AFONSO, 2006).

Este estudo se caracteriza como descritivo-exploratório do tipo qualitativo. Segundo Gil (2002), as pesquisas descritivo-exploratórias, de natureza qualitativa, proporcionam maior intimidade com o problema, tornando-o mais claro e capaz de conseguir estabelecer vários aspectos referentes ao estudo.

Através desse método da Oficina em Dinâmica de Grupos, temos como proposta posterior construir categorias de análise que possam responder e aclarar de forma mais dinâmica o problema e proporcionar o compartilhamento de ideias a partir da experiência da atividade com o grupo participante. A ideia não é estabelecer uma análise psicológica

profunda de cada participante, mas a partir de cada relato, captar o que sentem, pensam e agem diante das vivências e experiências e suas semelhanças através do tema. (AFONSO, 2006).

Para a coleta de dados com a proposta de *oficina em dinâmica de grupo*, foi necessária a utilização da gravação de áudio durante o encontro, para auxiliar na análise após encontro, a fim de selecionar trechos de falas importantes que, talvez, não foram observados durante a execução, contribuindo para a construção das categorias. Foi também apresentado para os participantes o *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido*, o qual apresentava o motivo da investigação, a instituição vinculada e o sigilo existente no contexto, preservando a identidade de cada um.

A escolha do presente método se fundamentou a partir do tema em questão, pensando em um trabalho sistematizado, na qual a oficina de grupo proporcionaria uma análise mais flexível e discursiva para melhor obtenção dos dados da pesquisa. O encontro ocorreu no dia 18 de outubro com duração aproximada de 2 horas. Os músicos foram convidados a participar de forma voluntária, contabilizando um total de 8 participantes, composto por 6 homens e 2 mulheres: 1 baterista, 1 guitarrista, 1 contrabaixista, 1 tecladista, 1 acordeonista, 1 cavaquinho e 2 cantoras; todos estes entre 5 à 20 anos exercendo a profissão.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Para a atividade da *Oficina* foi realizado uma dinâmica em roda, com um barbante e papéis cortados que possuíam conceitos que poderiam relacionar com o trabalho que desempenham no ramo musical, tais como: Desafios; Influências; Autonomia; Imagem; Escolhas; Entretenimento; Prazer; Laços afetivos; Liberdade; Trabalho e Sacrifício. Dessa forma, inicialmente a ponta do barbante ficou com o Participante 1. A ideia era que quem estivesse com o barbante, tirava um papel, lia o conceito que estava escrito e falava sobre ele, relacionando-o com seu ofício e vivência. Posteriormente, se mais algum participante quisesse falar desse mesmo conceito poderia se manifestar. Caso se encerrasse a discussão o participante que estava segurando o barbante jogava para outro e seguia a mesma linha raciocínio.

Finalizado a dinâmica, o barbante fez uma imagem de teia no centro da roda, essa elaboração tinha como objetivo demonstrar de forma visual a construção de uma identidade relacionada ao compartilhamento de ideias, as trocas de experiências e vivências que

perpassam não só pela construção individual, mas também pelos relacionamentos estabelecidos mesmo que sejam de opiniões contrárias.

Seguindo as análises, foram identificadas as seguintes categorias:

1. Mitos sociais e o trabalho do músico: a profissão, segundo os participantes, ainda sofre preconceitos perante a sociedade que podem partir até mesmo de seus próprios ciclos familiares. Ao falar do conceito “desafios”, segundo o Participante 5, a falta de apoio e a falta de reconhecimento, mesmo das famílias, sobre o fazer musical enquanto profissão, atinge grande parte desses profissionais. No conceito “entretenimento” tem a seguinte fala.

A gente trabalha pra trazer entretenimento. É bom porque entretenimento remete a alegria, diversão, então nos divertimos fazendo o que gostamos como profissão. A parte ruim é que se mexe com entretenimento vem a imagem distorcida da sociedade em pensar que isso não é profissão. (PARTICIPANTE 8)

A temática “trabalho” foi o tema mais discutido durante a oficina, pois as opiniões se misturaram nesse quesito. O Participante 3 afirmou: *“a música é um trabalho as vezes, pois nos olhos de outro não é. Com a música, essa palavra está relacionada com o preconceito.”* Devido a esse aspecto, na tentativa de identificar o motivo e a raiz desse preconceito social, o Participante 1 diz:

O músico geralmente começa brincando, ele não cresce e planeja uma profissão assim como o engenheiro que estuda pra chegar onde quer, só que às vezes os músicos perdem a força e seguem outros caminhos e a música fica em segundo plano, pouco pagam as contas só com a música. Acredito que a sociedade vê isso e acaba tendo a percepção que a música realmente não é profissão, então vejo que temos que ser firmes e na visão geral todo músico é assim, na primeira dificuldade desiste, mas no meu ponto de vista, a música sustenta. Mas se a maioria dos músicos fossem profissionais, nossa classe não seria visto dessa forma. (PARTICIPANTE 1)

E completa exemplificando sua fala:

O pedreiro, por exemplo, é autônomo assim como nós, mas o pedreiro não vai deixar de ser pedreiro porque choveu, mas se eu não tenho um freelancer ou algum show pra fazer gera um desconforto na gente e geralmente desistem e deixam de ser músicos. Acho que não temos força por isso, porque quem trabalha com música é uma grande minoria. (PARTICIPANTE 1)

A discussão ainda se estabelece nesse mesmo contexto e o Participante 8 fala de um possível incômodo da sociedade, nomeando de “inveja” acarretando ao pensamento flexível e prazeroso que podem ser encontradas nessa profissão, o que não acontece com as pessoas que devem acordar e cumprir com suas atividades todos os dias e horários. Surpreendentemente, um dos pontos que também surgiram que remetem ao preconceito é o fato do cantor (a) não

ser reconhecido enquanto músico “*Uai, mas e o instrumento? Você não toca nenhum? Cantar eu também canto [...]*” (PARTICIPANTE 6). Para eles, as pessoas não reconhecem a voz como um instrumento, mas o que não sabem é o quanto é importante, já que não possui uma tecla de afinação ou uma regulação eficaz. É muito estudo, técnica e equilíbrio para chegar à afinação ideal e de fato, isso não é pra qualquer um. (PARTICIPANTE 5)

Assim como sugerido por Bauman (2001), a profissão que não se enquadra em uma base sólida, pode gerar conflitos entre o certo e o errado, ainda que exista a possibilidade de “opções abertas” e a relevância que isso apresenta hoje, o caminho parece obscuro diante das incertezas futuras. Além disso, como descrito pelo CRP (2016), sobre a importância da valorização social através do trabalho, é irônico ver que a profissão dos músicos percorre um caminho inverso, pois pode ser deturpada devido ao arranjo artístico de entretenimento que o fazer musical também apresenta.

2. Discrepância cultural, constituição identitária e liberdade de escolha: as diferentes visões de investimento e reconhecimento da profissão também foram um dos assuntos que surgiram. Ao falarmos do conceito “Trabalho” os participantes fizeram uma comparação relacionado ao âmbito brasileiro e americano.

Muita gente frustra na música porque não quis pagar o preço, preguiça de se dedicar e estudar. Tocar, todos podem, mas assim como em outras profissões existe os estudos para aprimorar o que permite se destacar. Pra ser músico tem que ter o dom e a inteligência que o brasileiro possui, assim como para conseguir burlar o sistema relacionado ao desbloqueio da tv a cabo. Se dedicarmos 4 anos da nossa vida incessantemente, 4 horas por dia por exemplo, focando de uma forma eficaz, estaríamos em um nível extremo, mas aqui o cara assusta. Os gringos toma um café e estuda até atingir seu objetivo, então ele tem uma percepção diferente dos brasileiros, mas os brasileiros tem potencial só que vivem as intensidades erroneamente. (PARTICIPANTE 8)

Assim descrito pelo Participante 8 as direções do ofício musical se esquivam no contexto brasileiro, as potencialidades existem, mas não são trabalhadas e elaboradas como deveriam e assim como diz o Participante 2 o incentivo dos americanos nesse contexto está estabelecido na adesão da disciplina de música existente na grade curricular de crianças e jovens na rede pública da educação. Já aqui, isso ainda é um projeto que está fora do alcance por hora. Outra diferenciação pertinente e dita pelos participantes é a forma de trabalho que é estabelecida aqui na cidade de Sete Lagoas, pois a procura de um músico já pronto e preparado é bem maior porque existe uma inflexibilidade na moldagem e preparo desses profissionais e na cidade/capital Belo Horizonte, quanto mais despreparo apresentarem, mais

disposição apresentam para moldar e inserir o músico no mercado de trabalho.
(PARTICIPANTE 1)

A concorrência e a competitividade aqui na cidade de Sete Lagoas também foi mencionada “[...] Isso gera medo em indicar alguém pra fazer algum trabalho que não da pra você mesmo fazer, porque esse alguém pode “tomar” o serviço que foi passado e outros que estão por vir. ”

Ao tratarmos os conceitos “Imagem, Escolhas, Autonomia e Liberdade” foi possível construir algo que tivesse relação com o processo da busca de identidade desses profissionais. A Participante 7 argumenta que a profissão exige uma flexibilidade já que não dá para tocar somente aquilo que os agrada “[...] é necessário tocar o que gostamos e o que não gostamos, principalmente para quem está envolvido com a banda baile, a gente tem que agradar todo mundo.”

Segundo o Participante 5 as escolhas influenciam diretamente nas marcas que podem ser deixadas e representadas:

A escolha do instrumento é o mais importante, porque você se expressa através dele. Assim como também o campo de atuação, os estilos musicais, porém tem sempre um que se identifica mais e que tem haver com o seu instrumento, isso acaba puxando a gente. Não é fácil, às vezes acabo tocando o que não gosto, mas não tenho escolha, preciso defender o meu “ganha pão” então tem que fazer. Principalmente aqui em Sete Lagoas que fica um pouco mais fechada devido aos sertanejos, banda baile que é mais valorizada e os barzinhos que tem boa saída.
(PARTICIPANTE 5)

A imagem pública está ainda mais presente quando as opiniões são expressas nas redes sociais. O Participante 1 alerta sobre essa realidade pois as vezes se faz necessário refletir sobre o que deve postar e como fazer críticas, já que seus seguidores podem não entender e interpretar erroneamente. Já o Participante 5 diz da total relevância que isso possui quando se tornam de fato um artista reconhecido e o quanto a mídia facilita esse assédio. Porém, mesmo isso ainda não ter afetado de fato os participantes, sabem da exigência que perpassam por eles e se policiam para adquirir o reconhecimento e imagem favorável.

Desde quando comei a tocar foi uma coisa que preocupei bastante, a minha imagem enquanto músico e me comportar bem no palco, tirar um som bacana e estudar.
(PARTICIPANTE 2)

Essa imagem pode interferir diretamente no processo de inserção no mercado atual em Sete Lagoas, porém isso se torna apenas um dos desafios que o prazer supera. “[...] Todo lugar que vai tem um músico, eu faço a minha parte, independente do que iria acontecer eu

queria tentar, principalmente porque gosto demais, a falta de autonomia as vezes é apenas mais uma consequência. ”

Outro aspecto mencionado é a presença de palco que os músicos devem apresentar exigência maior para os cantores ou cantoras que estão a frente a todo o momento, interagir, conversar, cantar e cativar o público. Segundo a Participante 6 *“é uma máscara que devemos usar e possuir jogo de cintura nas mais diversas situações.*

Tal como colocado por Morais *et al* (2015) o que pode-se perceber é que o caráter negativo da imagem dos músicos está pautada também aos julgamentos e conceitos pré-estabelecidos em relação a eles o que alimenta determinados mitos compartilhados socialmente, tais como a rotulação de “boêmios” ou estereótipos relacionados, assim como o cuidado com que é “postado” nas redes sociais e a postura pela qual devem manter interferem diretamente na sua construção identitária, o que os levam a exercer o trabalho tanto tocando aquilo que de fato os agrada quanto o que o público exige. As escolhas devem ser flexíveis, pois para obter sucesso o necessário é conseguir equilibrar as duas interfaces. Hoje em dia existe uma maior liberdade de escolhas e produtos musicais a serem consumidos. Dessa forma, torna-se cada vez mais complicado focar em um só grupo ou um estilo musical específico, pois o público está em busca do novo, do diferente, do que está no calor do momento e acabam se identificando aqui ou ali, de forma transitória, assim, na teoria do indivíduo pós-moderno apresentado por Bauman e Hall anteriormente, podemos entender essas questões na profissão musical como uma fragmentação de sua luta em busca de uma afirmação constante.

3. O entrelaçamento prazer-sacrifício e os desafios do ofício musical: De fato, com tudo o que já foi mencionado até agora os desafios e sacrifícios estão presentes em todo esse processo, porém, ainda há algo que os move nessa direção e o fazem permanecer. O Participante 8 nessa perspectiva de análise e sobre o conceito “Sacrifício” diz que:

[...] Por isso a gente fala que é por amor mesmo, porque financeiramente pode ser que compense em partes específicas, mas certo não é, porque para ser rentável tem que estudar e trabalhar muito. (PARTICIPANTE 8)

O sacrifício está presente e isso é fato, os grandes desafios partem da falta de reconhecimento, assim como já foi mencionado anteriormente, as diversas viagens feitas submetendo ao afastamento das atividades familiares, os laços afetivos que por vezes são cortados por falta de compreensão, como mesmo mencionou o Participante 8 e que a Participante 6 complementa dizendo sobre as escolhas, que acabam sendo obrigados a fazer

como do tipo “ou eu ou a música”. Os lutos e nascimentos que não são presenciados, desde um nascimento de um filho, por exemplo, ou a morte de um ente querido e as surpresas que os lugares onde vão podem oferecer:

Show na cidade com expectativa de um lugar bom um hotel bacana, um som legal e quando chegamos lá não tem nada haver com o que esperamos [...] um show de 2 horas que parece uma eternidade. (PARTICIPANTE 2)

Sobre os laços afetivos a compreensão é o pontapé inicial para se estabilizarem, esse também é um desafio grande. O Participante 2 fala sobre a “perda dos finais semana” que geralmente acontecem os encontros familiares e os melhores eventos “[...] *Larga namorada, larga filho para tocar [...].*” O Participante 5 diz “*que é na família que se espera o maior apoio e quando não tem ninguém no ramo isso é quase que impossível, mesmo que depois acabam aceitando, mas isso não é apoio.*”

A falta de valorização do ofício Musical afeta diretamente o fator financeiro, as vezes o que ganham não é suficiente para cobrir todos os gastos, principalmente com manutenção e reposição de instrumentos ou peças que necessitam. Sobre isso o Participante 8 afirma,

Sacrifício financeiro é um dos maiores, porque o retorno financeiro não condiz nem de longe com o investimento que a gente faz. Você vê o atraso para pagar a gente, o choro para que façamos por um cachê mais baixo é muita enrolação. E você põe seu instrumento na estrada, tem a manutenção do carro para transporte e isso as vezes nem é suprido pelo valor que vamos receber [...]. (PARTICIPANTE 8)

O dinheiro que é recebido geralmente é direcionado para esses fins, o investimento é alto, pois se tratando de manutenção e peças, mesmo que mínimas como palheta para tocar violão ou guitarra, não existe nada barato e de fácil aquisição. (PARTICIPANTE 5). Dessa forma fica explícito que a falta de valorização permite uma limitação de gastos pessoais, assim o Participante 4 completa “[...] *às vezes quer comprar uma roupa ou alguma coisa bacana mas tem que comprar um instrumentos ou um equipamento, até mesmo a aquisição do carro fica em segundo plano.*”

O Participante 3 afirma que não tem como manter só o trabalho musical, inclusive se dedica até mais ao outro campo já que esse retorno financeiro não é atrativo, principalmente pela visão desfavorável que a cidade de Sete lagoas proporciona para esses profissionais. O fato é que os laços afetivos também pesam nesse aspecto financeiro quando a preocupação aparece no medo de faltar algo em casa, assim como diz o Participante 5, “*senão eu não vou*

comer, meus filhos não vão ter o que comer ou meus pais” por isso surge o desespero de conseguir algo que atenda as questões financeiras mais imediatas.

Mesmo com todos os percalços o prazer ainda estabelece um sentimento maior do que as frustrações presentes e ainda assim veem o lado bom de cada circunstância.

Trabalhar com música remete ao um sentimento maior e primeiro que é o prazer, até música que a gente não gosta quando está bem cravada fica bom demais. A gente tem prazer em todos os momentos não importa onde, não é só em cima do palco.
(PARTICIPANTE 5)

Nesse mesmo raciocínio a Participante 6 completa: *“O prazer de ver o público feliz que você está tocando, as vezes tem uma música que não suporta mais e está enjoada dela, mas na hora que toca aquilo o pessoal fica louco, aí a gente sente um prazer imenso, é muito bom.”* Para finalizar essa questão o Participante 5 reproduz uma fala que imprime bem esses argumentos para eles *“Trabalhe com o que gosta para que nunca precise trabalhar.”*

Assim como observado por Barros; Lima; Vieira (2007), o trabalho de forma geral acarreta uma quantidade de esforço intensa para sua realização, não é diferente no ofício musical, que carrega uma carga substancial de sacrifícios.

De forma geral, o músico busca seu autoconhecimento por meio da relação cultural e autorealização com relação a sua autoestima. A profissão se representa no fazer de cada um, construindo sua essência e suas próprias experiências. O prazer que estes obtêm, se relaciona a partir dessas realizações e construções que conseguem adquirir ao longo de sua carreira, dessa forma, o profissional sente-se orgulhoso do que faz mesmo tendo que passar pelos percalços presentes no ofício, o que interfere na vida desses músicos como m todo (laços afetivos, culturais, familiares, financeiros, etc).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral da pesquisa foi identificar e apresentar os impactos psicossociais nos músicos de Sete Lagoas/MG em seu ofício, frente a construção da identidade da dita categoria profissional. Através dos dados e análises efetuados é possível assinalar, preponderantemente, a falta de reconhecimento social no âmbito profissional no ofício musical, o qual ocorre preconceito frente ao trabalho exercido por eles, e pode desencadear vários outros desafios como, por exemplo, a falta de valorização financeira e seus meios de busca alternativas no mercado de trabalho, meios esses que estabelecem inflexibilidade na ampliação de estilos musicais e investimento escasso na contratação de seus serviços. A

imagem pública da profissão, que estabelecem limites e distorções negativas, atingindo diretamente a construção de identidade desses profissionais, já que se identificam com um estilo específico, mas às vezes cedem a outras formas de expressão, por ser necessário estabelecer vínculos maiores com seu público, além ainda da cultura de estilos de Sete Lagoas, suas especificidades e suas dificuldades próprias, dada as condições mais desfavoráveis para evolução profissional, o que torna tudo um obstáculo maior, sem contudo descaracterizar os prazeres e satisfações de realizar um trabalho no âmbito artístico, que ainda os mantém intactos na decisão de permanecer em seus planos e projetos.

Podemos, através dos relatos, questionar as identidades estáveis do passado, proporcionando o jogo de novas identidades, estabelecendo posicionamentos transitórios e efêmeros, dado o acesso maior à diversidade musical de várias culturas regionais brasileiras, incluindo também favelas e guetos, e suas expressões artísticas veiculadas na sociedade como um todo. Isso leva ao músico repensar seu repertório e abrir mão, por vezes, do seu gosto musical. A persistência no trabalho se processa assim na busca de parcerias e na crença de que terão resultados positivos com a formação de novos grupos, com características divergentes, mas focados em um mesmo ideal: o sucesso/reconhecimento.

Outro ponto, como debatido, Sete Lagoas possui uma diversidade de ritmos, sons e gostos musicas para vários âmbitos sociais (bares, bailes, festas). Isso é um ponto positivo, pois há aí uma mistura musical que exige estudos, ensaios, pesquisas e buscas para agradar ou tentar agradar seu público cativo e com isso continuar sendo reconhecido, isso ocorre tanto com os novos e ansiosos aspirantes, quanto com os veteranos.

Em alguns eventos, o público que vê o músico em cima de um palco ou em um barzinho, não consegue imaginar o quanto é complexo a situação em que ele vive. Os agravantes que perpassam pela sua vida são intensos e relevantes pois há uma movimentação profissional que os levam a poucas horas de sono, tempo de ensaio, a competitividade, o afastamento da família, que inclui as viagens que podem ser longas e, além disso, a pressão que carregam dentro de si para que consigam agradar o público.

A aquisição de uma renda favorável pode proporcionar um aumento de reconhecimento gradativo, já que a aplicação de investimento dispõe de bons recursos e instrumentos que possibilitam o fazer necessário nessa profissão. Nem sempre isso é possível, principalmente pela concorrência existente e a falta de valorização, direcionado a imagem a certos rótulos e preconceitos.

A psicologia interessada nesse contexto subjetivo e suas influências sociais, deve alavancar seus estudos na construção de identidade, principalmente nesse mundo pós-

moderno que nos impõe assumir vários papéis perante a sociedade que interferem diretamente na construção de identidade desses músicos justamente pelo preconceito existente que os impossibilita se firmar em um lugar na sociedade enquanto músicos profissionais, dessa forma isso pode estabelecer complicações na adaptação com o mercado de trabalho, que não oferece as oportunidades necessárias e como já se sabe, o mundo do trabalho interfere na construção desses sujeitos em todos os âmbitos, sendo eles: familiares, pessoais, sociais e culturais.

Espera-se que essa pesquisa seja o início de novos espaços para o entendimento psíquico e construtivo dos músicos. A experiência no campo possibilitou analisar essas dualidades e demarca a importância de se investigar, com maior aprofundamento, análises futuras sobre o ofício, seus contextos e dilemas outros, mas no fundo, há algo maior que os mantém nessa jornada.

6 REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Marcos. Artigos Científicos - Performance Musical Artigos Científicos - performance Musical. **Revista Música Hodie**, Goiânia - V.15, 233p., n.1, 2015. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/musica/article/view/39604/20165>>. Acessos em 21 de mai. 2017.

ALVARENGA, Eric Campos. A coragem de ser músico de orquestra sinfônica: uma análise baseada na psicodinâmica do trabalho. **Universidade Federal do Pará**. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Belém, 2015. Disponível em: <<http://www.ppgp.ufpa.br/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20Eric%20Campos%20Alvarenga%20-%20A%20Coragem%20de%20Ser%20m%C3%BAgico%20Uma%20an%C3%A1lise%20da%20Psicodin%C3%A2mica%20do%20Trabalho.pdf>>. Acessos em 25 abr. 2017

AFONSO M. L. M. **Oficinas em dinâmicas de grupo: Um método de intervenção psicossocial**. 1ª Edição. São Paulo. 2006

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.

BARROS, Vanessa Andrade; LIMA, Francisco de Paula Antunes e VIEIRA, Carlos Eduardo Carrusca. **Uma abordagem da psicologia do trabalho**, na presença do trabalho, 2007. Belo Horizonte-MG. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167711682007000100010. Acesso em; 14 maio 2017.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. 1. ed. Rio de Janeiro: J. Zahar Ed., 2001. Disponível em:

https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0ahUKEwiAruyXiODWAhWMgZAKHQmzAEAQFggqMAA&url=https%3A%2F%2Fperiodicos.ufsc.br%2Findex.php%2Ffemtese%2Farticle%2Fdownload%2F1806-5023.2008v5n1p1%2F12340&usg=AOvVaw0muUedO_U8fDaqD__aqSNK. Acesso em: 25 de mai. 2017.

CAMARGO, Denise de; BULGACOV, Yara L. M. Por uma perspectiva estética e expressiva no cotidiano da escola. In: ZANELLA, Andréa V.; MAHEIRIE, Kátia; COSTA, Fabíola C. B.; SANDER, Lucilene; DA ROS, Sílvia Z. (Orgs.). **Educação estética e constituição do sujeito: reflexões em curso**. Florianópolis: NUP/CED/UFC, 2007. p. 183-198. Disponível em: http://biblioteca-da-musicoterapia.com/biblioteca/arquivos/pesquisa/patricia%20Interface_pesquisa_musica_psicologia.pdf. Acesso em: 25 mai. 2017.

CRP, Conselho Regional de Psicologia de Minas Gerais. **Comissão de Psicologia Organizacional e do Trabalho**. Belo Horizonte, 2016. Disponível: <http://www.crpmg.org.br/CRP2/Image/cartilha_cpto_publicada_site.pdf>. Acessos em 25 de mai. 2017.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª Ed. São Paulo, 2002. Atlas S/A.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 2005. Rio de Janeiro-RJ.

MORAIS, A. Z. et al. Musicalizando o trabalho: sentidos subjetivos construídos por músicos sobre sua atividade laboral. **Ciência e Cidadania**. v. 1, n. 1, 2015. Disponível em: <<http://periodicos.unibave.net/index.php/cienciaecidadania/article/view/22>>. Acessos em 23 de mai de 2017.